

ANTES DA LEITURA DAS ESTÓRIAS DE *LUUANDA*

PIRES LARANJEIRA

U. Coimbra / CLP. pires.laranjeira@gmail.com

A 1.^a edição de *Luuanda* foi realizada para cumprir uma finalidade do Prémio Mota Veiga e dar a conhecer o autor em Angola. O desenho a preto da capa representa uma casinha modesta de piso térreo, de contornos imprecisos e imperfeitos, com uma cerca ao lado composta por paus espetados na terra de forma não ordenada, não simétrica. Alguns traços fundamentais de uma parede prolongam-se para baixo, como que escorrendo para as letras do título, abaixo da casa, que, por sua vez, também têm traços que escorrem. A representar o telhado, umas linhas tortas, que parecem significar o zinco ou lusalite, o material que indica ser uma habitação simples, de gente pobre.

O conjunto da casinha e do título têm o sentido de que essa «Luuanda», com dois *uu*, representa o povo dos musseques e restantes bairros pobres, a Luanda dos colonizados, subalternos. As letras a preto da palavra do título, escorrendo como se fosse o derramamento de algo – e a casinha precária e modesta remetiam para os acontecimentos da luta de libertação nacional, da instabilidade, de uma Luanda escorrendo «sangue negro», para usar uma imagem metafórica da negritude.

Nessa 1.^a edição, o autor aparece como Luandino Vieira. Mais tarde, passou a assinar José Luandino Vieira. Até depois da independência, o nome Luandino era o único da totalidade do seu nome de autor que era pseudonímico. Nem deverá considerar-se pseudonímico, mas um marcador de luandinidade e angolidade, um reforço identitário, que, logo a seguir à independência, passou a integrar, *de jure*, o seu nome, por acréscimo na Conservatória do Registo Civil de Ourém. Em rigor, pode-se dizer que nunca José Luandino Vieira foi um pseudónimo.

Nessa 1.^a edição, consta uma informação de que as três estórias faziam parte de «cerca de uma dezena», que formariam um volume intitulado *Luuanda*, que, portanto, não seria o que hoje conhecemos. Pode-se interpretar que Luandino terá decidido ou, pura e simplesmente, deixou que esse livro, contendo apenas três estórias, seguisse o seu caminho, a sua fortuna, perante os acontecimentos desencadeados pela atribuição do Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores e a nomeada internacional do livro, tornado canónico e icónico, uma obra-prima da literatura. A edição trazia a dedicatória «Para Linda, amiga de Luuanda e minha amiga», sendo essa Luanda a cidade, não o título, mas também escrita com dois *uu*, significando a Luanda do musseque. Todas as edições legais posteriores trazem a dedicatória simplificada: «para Linda». Incluía uma epígrafe, que se manteve inalterada: «Mu'xi ietu iá Luuanda mubita ima ikuata sonhi... (de um conto popular)». Não teve tradução, pelo menos nas cinco primeiras edições. Mais tarde, passou a existir a tradução, na parte final das edições, no glossário, que é a seguinte: «Na nossa terra de Luanda passam coisas que envergonham». As duas estórias finais trazem os títulos em Kimbundu (entre parênteses), logo abaixo dos títulos em português, o que desapareceu em edições subsequentes. Essa 1.^a edição comporta, na contracapa, um pequeno texto de Alfredo Bobela-Motta, com três apreciações críticas infalíveis: «aparece, agora, em 'Luuanda', em plena maturidade»; «cria, para a literatura da sua terra, uma língua nova, cheia de encanto e rica de possibilidades»; «Luandino Vieira abre, realmente, os mais prometedores caminhos à Literatura Angolana, com o pórtico de uma verdadeira obra-prima». Sublinhe-se a maturidade, uma língua literária nova (depreende-se que era isso que queria significar), a Literatura Angolana com maiúsculas (significando a sua independência) e a obra-prima, hoje ainda mais inquestionável.

O grafismo, a epígrafe em Kimbundu, a dedicatória a uma Linda amiga da Luanda dos musseques e amiga do autor, significavam a dedicação ao povo, a camaradagem revolucionária, que a designação de «estórias», na explicação inicial (mas não no frontispício, nem na capa, como em edições ulteriores), em ligação com a simbolização subversora da ordem colonial na ação dos contos (a denúncia de o branco chamar «terrorista» e o seu sinónimo, «Icolo e Bengo», ao miúdo Zeca Santos, mostrando que a ação decorria no pós-4 de Fevereiro de 1961, ou os miúdos que salvam a *cabíri* das forças militarizadas, na última estória), completavam, num objeto textual e extratextual que todo ele tinha o sentido totalizante de representação de uma nova era para a história de Angola e a história da literatura angolana. Tal livrinho *in 8.º*, de modesta aparência, sem tradução da epígrafe para a língua portuguesa, apontava para um público de Angola que podia lê-lo, e que era muitíssimo restrito, pois os alfabetizados não perfaziam os 3%. O leitor idealizado seria o angolano que sabia Kimbundu, subalternizado, sim, mas privilegiado por poder ler. O leitor integrado no sistema colonial de Poder, mesmo simpatizando com a causa emancipatória, sentiria a estranheza, o estranhamento da língua Kimbundu e de a Luanda representada ser Outra, que não a sua de cimento e alcatrão, ao ser apresentada como a «nossa Luanda» (dos colonizados).

A edição falsificada (isto é, não autorizada pelo autor) que, na capa, tem a indicação de Belo Horizonte e a data de 1965, supostamente realizada e distribuída por uma Editora e Distribuidora «EROS», Ld.^a, que não existia, denuncia a sua falácia ao escolher esse nome em nada condizente com o conteúdo das histórias. Essa edição já não inclui a designação de histórias, por lhe faltar a nota explicativa de as três histórias fazerem parte de um conjunto de cerca de 10. O pequeno texto de Bobela-Motta surge a abrir o livro, antecedendo o frontispício e pode interpretar-se como valorizando a obra, explicando, logo de entrada, o valor do que se iria ler. Dois outros elementos aparecem nas páginas seguintes, ainda a abrir o livro – a explicitação dos seis prémios atribuídos a Luandino Vieira (os dois últimos sendo o Mota Veiga de 1964 e o da Sociedade Portuguesa de Escritores, desse ano da edição de 1965) e ainda uma nota curtíssima sobre essa mal dita «edição brasileira», noticiando que o livro ganhara o Grande Prémio de Novelística, felicitando a S.P.E. pela decisão e enviando «um abraço de parabéns a Luandino Vieira», da autoria dos editores. A explicitação dos prémios poderia querer incriminar também as organizações angolanas que os atribuíram, se fosse uma publicação da P.I.D.E., hipoteticamente com a intenção de fazê-la circular em Portugal e mostrar aos portugueses a matéria de delito do autor. A capa ajudou a acentuar essa hipótese, pois usa os elementos da 1.^a edição, mas alterando-os significativamente. Por um lado, inverteu-se a ordem da habitação e do título, surgindo aquela na parte de baixo da capa, com uma diminuição dos traços que escorrem da parede e as letras do título a vermelho, passando assim a sugerir o sangue que se derramara ou derramava em Luanda, aludindo decerto ao desencadear da luta armada de 4 de fevereiro de 1961 (assalto à cadeia de Luanda) e talvez aos massacres indiscriminados de inocentes, em março de 1961, perpetrados pela UPA, organização anterior à FNLA, de Holden Roberto.

É pouco provável que essa contrafação da edição original tenha circulado no Brasil através de alguma forma de distribuição comercial. Mas foi lida em Portugal e, ainda hoje, continua a ser lida, como já verifiquei em sala de aula e em vários eventos. Portanto, quem leu essa edição, leu a versão textual publicada originalmente, por manter epígrafes e todos os textos fielmente, mas leu sugestionado por uma capa em que as letras do título, como que sugerindo o sangue a escorrer, provocaram um tipo de leitura conotando uma violência sanguinária que os textos não apresentam. Por outro lado, se atendermos a outras informações, que dão o livro publicado por quem quis que fosse lido em Portugal na sua época, eventualmente recolhendo dividendos, não se pode descartar um efeito de camaradagem solidária com o autor e a S.P.E., significando a lista de prémios a valorização de Luandino, assim como a passagem da nota da contracapa de Bobela-Motta como que a servir de pequeno prefácio laudatório, um reforço da qualidade do livro, ao mesmo tempo que os parabéns da nota dos editores complementam esse posicionamento de apreço, o que seria, ao contrário da hipótese de contrafação policial, não uma mostra aos portugueses do objeto de delito, mas sim a comprovação da justeza do galardão e a denúncia da barbárie político-policial, apresentando o texto e o seu enquadramento à opinião pública bombar-

deada com notícias sobre o livro de um alegado «terrorista» que, afinal, os leitores não conheciam. Nesse caso, a leitura do título na capa, do seu grafismo, funcionaria como denúncia dos crimes de assassinato dos angolanos nos musseques pelas forças colonialistas e a leitura, tanto pelos portugueses alienados do contexto ou anti-salazaristas, quanto pelos salazaristas, seria conduzida para reforçar o sentido revolucionário-independente do livro.

Finalmente, a verdadeira 2.^a edição, saída em 1972, em Lisboa, pelas Edições 70, foi revista e apresenta algumas modificações.

Passa a ser dedicada, com mais simplicidade: «para Linda». Mantém-se a epígrafe em Kimbundu, ainda sem tradução, mas desaparecem os títulos em Kimbundu das duas últimas histórias. A designação de histórias é assumida como subtítulo de subgénero até à atualidade, o que contribui para a angolanidade da escrita e a revigoração da taxonomia do tipo de discurso. O autor passou a assinar José Luandino Vieira. As capas deixam de trazer o desenho original do próprio Luandino. A capa da 17.^a edição, comemorativa do 40.^o aniversário da publicação, tem uma obra do artista plástico angolano António Ole, composta justamente com materiais com que se podem fabricar casinhas de musseque (chapas de zinco, tabuinhas, ramos de árvore descascados, tudo isso pintalgado com tinta vermelha a esmo).

A revisão efetuada por Luandino melhora pontualmente o texto primordial, mas pouquíssimos leitores atuais têm acesso a essa comparação. A melhoria baseia-se no corte do excedentário, na fluidez rítmica e na angolanização de pormenores, entre outros aperfeiçoamentos, em que se inclui, por exemplo, o abandono ou modificação de certos começos e finais das histórias. Assim, exemplificando, o autor substitui «Já puz minha história» por «Minha história». Ou, em vez de «Vou pôr a história da galinha e do ovo», surge, então, «A história da galinha e do ovo», portanto, com uma nova postura esteticamente mais conseguida, evitando o cómico involuntário que esse lugar estratégico do texto não exigia. Outro exemplo, é o do início da segunda história, em que foram erradicadas as duas epígrafes relacionadas com o papagaio e o próprio início original, que começava também por «Vou pôr uma história com bicho e pessoa (...)». Nessa mesma história, o autor muda o enunciado «Puseram-me uma chapada logo (...) Nessa hora eu calei, pópilas!» para «Puseram-me logo uma chapada (...) Nessa hora calei, pópilas!». Note-se que esses melhoramentos começam imediatamente na abertura da narração na primeira história. No primeiro parágrafo, opta por uma frase encurtada. E, logo depois, substitui uma frase pela sua reconstrução mais sintética e impressiva. Assim, «poeira vermelha espalhada pelos ventos quentes e pelos jipes das patrulhas passando na zuna, no meio das ruas e becos que a desarumação das cubatas desenhadas à toa» passa a ser «poeira vermelha espalhada pelos ventos dos jipes das patrulhas zunindo no meio de ruas e becos, de cubatas arrumadas à toa». Um último exemplo: o trecho «Os vizinhos ouviram-lhe resmungar, falando no neto, talvez nem dois dias iam passar sem a chuva chover» foi trocado por «os vizinhos ouviram-lhe resmungar talvez nem dois dias iam passar sem a chuva sair».

Hoje, os leitores têm *Luuanda* com um glossário, que os ajuda a descriptar palavras e expressões a que não teriam acesso sem saber Kimbundu, ganhando em clareza, mas faltalhes o desenho original da 1.^a edição, que, pese embora todo o valor de artistas gráficos e plásticos que contribuíram para as múltiplas edições, dava entrada imediata no simbolismo geral dos textos, mesmo antes de neles se entrar com a avidez da descoberta. E é claro, para mim, que tendo feito a leitura atenta e veneradora de algumas dessas edições, me sinto integrado na categoria do leitor profissional, afinal um leitor privilegiado, um tipo de leitor, passe toda a presunção, de que o Estado não pode abdicar (neste tempo de novas censuras e exclusões), sob pena de não se poder partilhar a descoberta dessas pequenas-grandes diferenças que fazem a delícia de um texto, de uma obra em movimento, reconstrução e releitura, que, por si, e pelo que lhe aconteceu, se tornou lendária. Por isso, continuaremos juntos em honra de *Luuanda* e Luandino, sempre que alguém o ler ou contribuir, como o Prof. Francisco Topa, para reconstruir e reavivar a memória, em liberdade, de como tantos episódios aconteceram, há 50 anos, para, à revelia dos desígnios do autor, o transformar numa floresta e numa inscrição plantadas no pátio da nossa satisfação.

